

"ANOTAÇÕES A RESPEITO DAS FONTES"

Tânia Gerbi Veiga

(aluna do Pós-Graduação da PUC-SP)

Todo historiador interessado num tema acaba por se colocar na célebre questão das fontes: onde encontrá-las? Pois as grandes linhas teóricas e as mais consistentes hipóteses, se desligadas do exame de fontes documentais, perdem, sem dúvida, muito de sua credibilidade e precisão científicas.

Parece óbvio e banal o que acabo de escrever. Todos os livros de "Metodologia Científica" e de "Teoria da Pesquisa Histórica" – mais especificamente – procuram nos informar sobre esta questão. Mesmo assim, muitos historiadores acabam caindo na armadilha de montar um imenso arcabouço metodológico, que ou serve para preencher as páginas iniciais de seus trabalhos (e não será utilizado na análise das fontes), ou serve para aparar as arestas das informações recolhidas, para que caibam dentro deste sistema. Por outro lado, não nos adianta, também, arrolar milhares de documentos, pensando que estamos realizando o "trabalho do historiador".

Bem, a questão que levanto não é exatamente esta. O que se procura discutir aqui não é o *como* se deve trabalhar as fontes, mas *sim*, se elas *existem*, onde achá-las e como *costumamos* utilizá-las. Voltemos, pois, à questão inicial: "e as fontes?"

Todos sabemos que no Brasil os arquivos e as bibliotecas têm sobrevivido de forma precária. Lembremos que até hoje o Arquivo do Estado de São Paulo (AESP) não dispõe de verbas para poder se transferir de local. O seu acervo corre, hoje, o risco de se perder sob os escombros de um edifício que possui sérias rachaduras, pois seus alicerces não foram projetados para sustentar o peso dos livros; algo quase idêntico ocorreu na PUC-SP, quando a Biblioteca do Pós-Graduação precisou mudar-se para o andar térreo; não esqueçamos também, a Biblioteca de Filosofia e Ciências Sociais da USP que, no início deste ano, foi inundada pelas chuvas. Estes exemplos, três entre os muitos que poderiam ser citados, são apenas uma pequena amostra de nossos problemas elementares.

Entretanto, em meio a estes obstáculos, podemos dizer que as fontes *inexistem*? De jeito algum, pois a documentação a ser analisada é imensa. Os arquivos aí estão para serem descobertos, remechidos e catalogados, e a documentação dorme em vários locais, a espera de ser estudada.

Para termos uma pequena idéia, a maior parte dos estudantes de História da PUC – graduação e pós-graduação – que passa pelo AESP, não conhece nem uma milionésima fração do acervo existente neste local e que, em sua maior parte, nunca foi pesquisado. Existe, todavia, um aspecto diverso que não podemos deixar de observar.

Quando escolhemos um tema, após a leitura de uma bibliografia específica, e formulamos algumas hipóteses de trabalho, passamos ao levantamento das fontes. Em nossas primeiras sondagens dos arquivos, vamos fichando um grande número de documentos que futuramente poderão ser utilizados como subsídios necessários à realização de nossa pesquisa; após este fichamento, passamos à catalogação das fontes levantadas. Nesta fase, começamos a realizar a chamada verticalização do trabalho, isto é, iremos aos poucos consolidando linhas de pesquisa com novas consultas bibliográficas, questionando as fontes através da leitura de nosso pequeno arquivo, reavaliando as várias questões traçadas em nosso projeto inicial para nos definirmos por alguma das hipóteses, já que seria humanamente impossível em uma monografia querermos esgotar o assunto a que nos propusemos.

Após este processo de amadurecimento e reavaliação da pesquisa, passamos a uma “limpeza” de nossa documentação levantada e catalogada. Isto significa que, no processo de valorização das fontes que vão de encontro aos nossos propósitos, iremos objetivamente dispensar, em geral, uma parte de todos os documentos levantados.

A partir deste momento, as futuras pesquisas de fontes documentais serão mais direcionadas.

Entretanto, para onde vai todo aquele material inicialmente levantado? Geralmente se perde nas prateleiras e gavetas, ou acaba no cesto de lixo.

Os dias passados nos arquivos e os recursos gastos nas cópias xerográficas – já que trabalhamos muito com este tipo de material – se perdem em parte.

Logicamente, para nós, este tempo não foi desperdiçado. Para realizar a escolha de uma das vertentes de nosso trabalho, pressupõe-se que tenhamos lido e sistematizado toda a documentação, avaliando seu conteúdo em função de nosso estudo. Entretanto, para outras pessoas que poderiam, indiretamente, ganhar com este levantamento, estas fontes foram perdidas. Haverá de se começar um novo trabalho do marco zero, e passar por todo um percurso, que poderia ser facilitado e até poupado, se estes documentos não ficassem esquecidos.

Poderíamos solucionar este problema com uma maior comunicação entre os pesquisadores, através, pelo menos, da listagem de assuntos pesquisados e catalogados por todos, que poderiam ser consultados abertamente

Realizando-se um índice de todos os assuntos levantados nos arquivos e centralizando-se estas relações em um lugar acessível a todos, não perderíamos tempo. Saberíamos o que há nas encadernações existentes nas estantes das bibliotecas, e, também, os caminhos percorridos por outras pesquisas, e mais, poderia servir de ajuda àqueles que ainda não têm um tema definido, já que ao pesquisar este catálogo eventualmente, este pesquisador poderia interessar-se por alguma documentação e saberia onde encontrá-la, agilizando a escolha do tema para a dissertação.

Esta proposta não é nada grandiosa, nem é original. Ao contrário, é uma das funções do Núcleo de Pesquisa e Documentação Histórica da PUC-SP, que funciona ao lado do Programa de Pós-Graduação. Entretanto, a maioria dos estudantes da PUC desconhece o Núcleo e seu conteúdo. Aliás, poucos entre nós realizam esta catalogação.

Além do ganho de tempo e de recursos, poderíamos criar uma sistemática maior de intercâmbio de informações entre os pesquisadores, rompendo o isolamento a que estamos sujeitos, principalmente após a conclusão dos créditos do curso de Pós-Graduação, o que, muitas vezes, nos leva ao desânimo. Apesar de aqui, na PUC, termos os seminários interdisciplinares ocorrendo todos os meses (exposição dos trabalhos em andamento no Pós-Graduação aos alunos, professores e interessados), estas reuniões não suportam uma troca maior de informações, já que ocorrem durante uma manhã em cada mês.

Assim, acredito que a sistematização e arrolamento dos assuntos pesquisados, para a origem deste índice, ajudaria a centralizar as informações, criar uma prática de visita ao Núcleo de Pesquisa, com isso, ajudando os investigadores a se reunirem mais, podendo até criar um veículo de reivindicações para conseguirmos melhorias nas condições de pressa. Se isto ocorrer, eu já teria algumas propostas elementares que gostaria de deixar registradas: 1º) criação de uma sala de atendimento no AESP (*), onde pudéssemos conversar e discutir nossas pesquisas; 2º) barateamento e melhoria do xérox no AESP (está se cobrando Cr\$ 100,00 a cópia); 3º) abertura do Arquivo, pelo menos, até às 12 hs. nos sábados; e finalmente 4º) reivindicar o local da antiga Biblioteca do Pós-Graduação da PUC para nós estudantes (reforçando a atuação do CERP - Centro de Representação e Pesquisa dos Pós-Graduados da PUC-SP), local onde poderíamos estudar individualmente ou em grupo, pois o espaço da Biblioteca Central é insuficiente para todos os consulentes que o utilizam.

(*) Refiro-me apenas ao Arquivo do Estado como um exemplo privilegiado, já que seus registros indicam que 60,2% de seus freqüentadores são alunos da PUC (pesquisa realizada por *Arquivo* - boletim histórico e informativo, vol. 4 n.º 1, jan/mar 1983, Edições Arquivo do Estado); por outro lado, é evidente que existem muitos outros acervos a serem pesquisados.